

A Longa Viagem — I

America e China: os sonhos

VILEM FLUSSER

O acontecimento tem, além dos seus aspectos sensacionais, e além das suas possíveis consequências para a situação internacional, importância incomum para um observador um pouco mais distanciado. É esta: O encontro entre Estados Unidos e China é ocasião para o confronto de duas utopias que pairam, invisíveis mas não obstante potentes, sobre a cena. Temos todos, sabemos disto ou não, dois e apenas dois modelos de uma "boa sociedade" que permita viver vida feliz e plena. E os Estados Unidos e a China encarnam, na atualidade, as realizações máximas, embora por certo imperfeitas, desses dois modelos. Não que tenhamos escolha apenas entre estes dois tipos de sociedade. Podemos imaginar outros. E, com efeito, em nossas tentativas de orientação no mundo procuramos por outros modelos. Mas o modelo americano e chinês têm a indiscutível vantagem sobre os demais de não serem apenas possíveis, mas até certo ponto realidades.

Resumindo radicalmente, o "sonho americano" pode ser descrito da seguinte forma: criar sociedade aberta, liberta dos preconceitos milenares nacionais, sociais, culturais e religiosos europeus, na qual tenha sido alcançado um grau de riqueza material tão alto que a vida passa a não mais ser motivada economicamente. Em tal situação utópica o clássico problema da distribuição da riqueza desapareceria, porque todo cidadão desfrutaria de bens suficientes para as suas necessidades. O uso deliberado mas não dogmático das máquinas criadas pela ciência libertaria o homem progressivamente da praga milenar do trabalho. Isto tornaria possível uma verdadeira democracia, no sentido de sociedade na qual todos os grupos, por marginais que sejam, participem da responsabilidade pelas decisões a serem tomadas. Tais grupos representariam não mais interesses econômicos, (estes deixariam de interessar), mas interesses sociais, culturais, e outros por ora quase inimagináveis. Com efeito: pela primeira vez na história da humanidade teria surgido sociedade que permite vida realmente humana, a saber: dedicada à solução de problemas, não materiais, mas relativos ao espírito humano. Seria, a rigor, o começo da história humana.

O "sonho americano" é sonho setecentista, sonho dos filósofos anglo-saxões no instante, no qual a Revolução Industrial começava a modificar a situação humana. Tem parentesco íntimo com o sonho da Revolução francesa. É sonho de uma burguesia que se prepara para o domínio do mundo. Mas embora sonho da burguesia em toda parte, não resta dúvida que apenas os Estados Unidos oferecem alguma possibilidade de vê-lo realizado a curto prazo. Vasto território excepcionalmente rico, com população proveniente de todas regiões europeias, pronta não a abandonar as suas tradições milenares, mas assumi-las para sintetizá-las em novo nível, são os Estados Unidos o verdadeiro Novo Mundo europeu. Enorme laboratório para experiências concebidas na Europa, mas irrealizáveis na sua origem. Com efeito: os Estados Unidos são o que Europa deveria ser e o que poderá ser graças ao exemplo e a assistência americana. Os Estados Unidos são a utopia europeia.

Em muitos pontos o "sonho americano" virou realidade. A riqueza americana não tem paralelo na história da humanidade. Vastas camadas da população, (a "maioria silenciosa"), se aburguesaram. A democracia no conceito acima esboçado está funcionando, embora com severas falhas. Evidência cultural social e espiritual de intensidade e extensão sem igual no presente ou no passado. Mas em muitos outros pontos o sonho virou pesadelo. A população de origem africana e introduzida nos Estados Unidos em flagrante desacordo com sua ideologia não consegue ser assimilada, e a solução do problema é inimaginável. Os Estados Unidos foram levados pelo contexto mundial a assumir o papel outrora reservado às potências clássicas, e tal papel os força a cometer atos inteiramente contrários ao sonho. É questão de difícil resposta o quanto da riqueza americana se deve ao próprio esforço, e o quanto aos lucros de um capital que funciona fóra. Mas principalmente há isto: já antes da decadência do motivo econômico estão surgindo indícios que uma nova motivação não trará

naquela infelicidade que acompanha a perda de incentivo concreto. O sonho vira pesadelo justamente porque está sendo realizado. E há sintomas de uma nova Revolução americana a reformular radicalmente o sonho. De modo que os Estados Unidos são centro do mundo em dois sentidos: centro do poder, e centro da contestação da legitimidade de um poder baseado em sonho tornado duvidoso.

Não se pode falar na China como se fala nos Estados Unidos. As informações quanto aos Estados Unidos abundam e confundem com sua riqueza contraditória e desordenada. As informações quanto à China são tão escassas que não permitem juízo. Não apenas por causa das barreiras deliberadamente impostas ao lado de lá e de cá, mas principalmente por causa da barreira cultural que nos separa do Oriente. De modo que para nós a China não é "sonho chinês", mas sonho nosso, projetado sobre a China. Este é aproximadamente o sonho: criar uma sociedade que mude radicalmente a natureza humana. Acabar com a divisão do trabalho, que tem por consequência não apenas a divisão da humanidade em classes que se degladiam, mas ainda a alienação do homem inclusive dos produtos do seu próprio trabalho. Fazer com que o homem passe a realizar-se no seu trabalho, de modo que o trabalho não modifique apenas a matéria prima; mas também o próprio homem. Fazer com que o homem passe a ser ente que se mude a si próprio deliberadamente e conscientemente. Que se assuma, e com isto assume seu próprio destino. Que seja livre num sentido inteiramente diferente e mais radical que o sentido de "liberdade" do liberalismo. Não importa portanto, em tal sociedade, tanto a realização de determinada obra, mas o efeito desalienador e libertador que a obra tem para o homem. Em suma: criar uma sociedade para o Novo homem, livre e plenamente consciente de si, poder desenvolver as capacidades criadoras que nele estão adormecidas.

O sonho atualmente projetado sobre a China é sonho de pensadores otocentistas europeus, impressionados pelas óbvias falhas que a Revolução Industrial produzia. Tais pensadores eram tão burgueses quanto o eram os sonhadores do "sonho americano". Mas eram burgueses desesperados da burguesia. A sua grande hora chegou com a Revolução Russa. E eis o fato central da atualidade: pode-se duvidar do acerto ou não dos Estados Unidos quanto ao seu sonho. Mas o fracasso da União Soviética quanto ao sonho nela investido é indubitável. Não resultou em sociedade para o Novo homem, mas apenas em mais uma superpotência com bomba e imposto sobre a renda. Sacrificou as liberdades "burguesas", sem ter criado clima para a nova liberdade. Não acabou com a alienação humana, mas confina seus intelectuais em asilos para alienados. Pois embora tal fracasso seja indubitável, embora a alienação do "aparatchik" russo seja igual à alienação do burocrata americano, o sonho não morreu. Sonhos morrem apenas quando realizados, (talvez o caso do sonho americano). De forma que agora o sonho é retirado da Rússia pela "Nova esquerda", e projetado sobre a China.

É principalmente neste sentido que a China é um centro de interesse. Não como a maior população do mundo, nem como possuidora da bomba, nem como futura "potência" a competir com a União Soviética e os Estados Unidos. Mas como lugar no qual se procuraria criar um novo tipo de homem. Eis a força da China: os estudantes ocidentais cantando o nome de Mao nas passeatas. Lugar comodo, a China: pouco ou nada se sabe a respeito dela. De forma que o sonho pode ser projetado sobre ela sem choque com uma realidade porventura rebelde. E no entanto: algo está indubitavelmente acontecendo na China. Algo que pode perfeitamente ser tema não de sonho mas de pesadelo.

Nixon na China: confronto de duas utopias. Uma, a americana, que passa, por estar em vias de realização, por terrível crise. A outra, a chinesa, que se passa em território coberto de mistério e segredo. Uma, a americana, que está aberta à nossa crítica, e que pode perfeitamente resultar em novo ponto de partida para o futuro. A outra, a chinesa, que se desenvolve debaixo de capa grossa e pode perfeitamente explodir um dia para aniquilar a tentativa americana. No confronto entre as duas utopias está um aspecto importante do nosso futuro. Porque sonhos não são apenas pesadelos.

114-ESP-0